

OS DISCURSOS E SEUS EFEITOS DE SENTIDO ACERCA DO LUGAR DA MULHER NO MERCADO DE TRABALHO, NO FILME NORTH COUNTRY.

Karla Roberta Neumann¹

Sâmia Letícia Cardoso²

Resumo:

Este artigo apresenta a análise de tais efeitos de sentido possibilitados pelas formações ideológicas intrincadas nas formações discursivas de personagens do filme North Country, acerca da mulher no mercado de trabalho. O objetivo é analisar as formações ideológicas nos discursos de personagens do filme North Country, com a finalidade de compreender o processo de interpelação do indivíduo em sujeito, pela ideologia. A pesquisa é fundamentada nas teorias da Análise de Discurso de Michel Pêcheux, e possibilitou reiterar, por meio da interpretação do material, o quanto algumas marcas linguísticas foram/são naturalizadas, com relação ao papel que a mulher exerce diante de algumas profissões.

Palavras-chave: Análise do Discurso; Ideologia; Formação Ideológica; North Country; Mulheres no trabalho.

Abstract:

The article presents analyze of meaning effects possible by ideological formations intricate discursive formations of characters from the film North Country, about the woman in the work market. The aim is to analyze the ideological formations in the discourse of the characters in the North Country movie, with the purpose of understanding the process of interpellation of the individual in subject, through ideologies. The research is based on the theories of the Michel Pêcheux's Discourse Analysis, and we can to reiterate, through the interpretation of the material elements characteristic, as some language tags were/are naturalized, in relation to the role of woman on some jobs.

Keywords: Discourse Analysis; Ideology; Ideological Formation; North Country; Women at work.

¹ Mestranda do Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Londrina. Contato: profkarlaneumann@gmail.com.

² Mestranda do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Estadual de Maringá. Contato: samia_cardoso17@hotmail.com.

Introdução

Este artigo apresenta a análise dos efeitos de sentido possibilitados pelas formações ideológicas intrincadas nas formações discursivas de personagens do filme *North Country*, acerca da mulher no mercado de trabalho. O contexto histórico em que se passa o filme torna rica essa reflexão, já que no ano de 1989 as profissões mais comuns para as mulheres eram cabeleireiras, secretárias, costureiras, entre outras menos “pesadas”, ou seja, limitadas ao pouco esforço físico. Diferente do ambiente em que várias mulheres de Minnesota estavam habituadas, trabalhando nas mineradoras de ferro, sendo a minoria, e sujeitas as constantes humilhações advindas dos colegas de trabalho, além da discriminação da sociedade.

O interesse pela análise do filme surgiu por ser uma história que retrata a primeira ação coletiva por assédio sexual nos EUA, um fato histórico que influenciou outras denúncias e lutas pelos direitos das mulheres.

“Os sentidos e os sujeitos poderiam ser sujeitos ou sentidos quaisquer, mas não são. Entre o possível e o historicamente determinado é que trabalha a análise de discurso”, destaca Orlandi (2005, p. 103). Desse modo, trabalhamos com o modo como são produzidos os efeitos de sentido a fim de compreender as possibilidades de interpretação, de acordo com as formações ideológicas intrincadas nas formações discursivas de alguns personagens do filme.

Nosso objetivo geral é analisar as formações ideológicas nos discursos de personagens do filme *North Country*, com a finalidade de compreender o processo de interpelação do indivíduo em sujeito, pela ideologia. Seguindo, os objetivos específicos, na seção 1, apresentaremos uma breve contextualização da presença da mulher no mercado de trabalho; na seção 2, seguiremos com a história do filme e os personagens principais que compõem o enredo, bem como as condições de produção em que os discursos relacionados à mulher se deram, considerando os fatores determinantes para que os dizeres pudessem ser ditos, de acordo com cada personagem e lugar social por eles ocupados; na seção 3, trataremos das interpretações possibilitadas na análise, a fim de compreender o processo de interpelação ideológica dos sujeitos, acerca do que se entende como trabalho de homens x trabalho de mulheres.

1. A mulher no mercado de trabalho

Apesar da grande evolução na luta pela igualdade de direitos, de várias conquistas, as mulheres ainda têm muito que enfrentar, principalmente dentro do grande leque de profissões possíveis.

Em uma pesquisa feita pelo sociólogo Clemente Ganz Lúcio (2014),

de acordo com recente trabalho do IBGE, em parceria com a Secretaria de Políticas para as Mulheres e o Ministério do Desenvolvimento Agrário, usando dados do Censo de 2010, comparados aos de 2000, a participação das mulheres com idade ativa (16 anos ou mais) no mercado de trabalho cresceu de 50% (2000) para 55% (2010), enquanto a participação dos homens caiu de 80% para 76%. (LUCIO, 2014)

Podemos constatar que houve um aumento, porém algo que acontece lentamente. Ainda de acordo com o pesquisador, apesar de as mulheres estudarem mais, acabam se formando em áreas que pagam menos e exercem funções com menor remuneração. Também é importante destacar que a desigualdade salarial ainda é forte, mesmo para mulheres com cargos iguais aos dos homens. “Em 2010, o rendimento médio era de R\$ 1.587 para eles e de R\$ 1.074 para elas, o que corresponde a 68% da remuneração masculina” (LUCIO, 2014).

Esses dados mostram que ainda temos muito o que evoluir, tanto em políticas públicas quanto na mudança de pensamento da sociedade. No entanto, já houve épocas muito mais difíceis.

A inserção da mulher no mercado de trabalho teve início com a I e a II Guerra Mundial, já que os homens precisavam ir para guerra enquanto as mulheres ficavam responsáveis por sustentar a casa. Com a Revolução Industrial, elas passaram a trabalhar nas fábricas. Eram longas jornadas de trabalho e muitos outros problemas, como segurança, principalmente em uma fábrica de tecidos dos Estados Unidos, onde muitas mulheres e alguns homens morreram carbonizados ou então pulando pela janela, depois de um incêndio que tomou toda a fábrica, em 1911. Dois anos antes, em 1909, essa mesma fábrica havia sido alvo de um escândalo após uma greve das mulheres por melhores condições de trabalho, criando assim um sindicato. Após o incêndio, houve fortalecimento dos sindicatos e regras de segurança e outros direitos trabalhistas foram estabelecidos (CALDEIRA, 2001).

No Brasil, a Constituição de 1932 estabelecia algumas regulamentações quanto ao trabalho das mulheres, como exemplo alguns artigos

Art. 1º Sem distinção do sexo, a todo trabalho de igual valor correspondente salário igual.

Art. 2º O trabalho da mulher nos estabelecimentos industriais e comerciais, públicos ou particulares, é vedado desde 22 horas até 5 horas.

Art. 7º Em todos os estabelecimentos industriais e comerciais, públicos ou particulares, é proibido o trabalho à mulher grávida, durante um período de quatro semanas, antes do parto, e quatro semanas depois.

Art. 9º Enquanto afastada do trabalho por força do disposto no art. 7º e respectivos parágrafos, terá a mulher direito a um auxílio correspondente à metade dos seus salários, de acordo com a média dos seis últimos meses, e, bem assim, a reverter ao lugar que ocupava. (BRASIL, 1932).

Alguns direitos trabalhistas aplicados às mulheres foram, então, estabelecidos, mas demorou para serem realmente cumpridos, haja vista que ainda existia exploração do trabalho feminino, até chegarmos em um nível maior de fiscalização que, atualmente, o ministério do trabalho já consegue cumprir.

Nos Estados Unidos, leis parecidas foram empregadas, como a *Pregnancy Discrimination Act*, 1978, Legislação contra Discriminação da Empregada Grávida e a *Lilly Ledbetter Fair Pay Restoration Act*, 2009, a primeira lei de Obama, que define sobre a igualdade entre mulheres e homens com relação ao nível salarial.

2. North Country — Uma terra para homens

O material de análise utilizado para a pesquisa se trata de um filme estadunidense, *North Country* – no Brasil, Terra Fria – que, apesar de ter sido produzido em 2005, a história se passa em 1989. Dirigido por Niki Caro, baseado no livro de Clara Bingham e Laura Leedy Gansler, *Action: The Story of Lois Jenson and the Landmark Case That Changed Sexual Harassment Law* – Ação: A história de Lois Jenson e o marco divisório que mudou a Lei Assédio Sexual – (tradução nossa). A classificação etária do filme é de 14 anos e tem a duração de 126 minutos. Foi indicado ao Oscar nas categorias de melhor atriz – Charlize Theron – e melhor atriz coadjuvante – Frances McDormand –, também ao Globo de Ouro, nas categorias de melhor atriz-drama – Charlize Theron – e melhor atriz coadjuvante – Frances McDormand –.

A história real aconteceu entre os anos de 1975 a 1989, período em que Lois Jenson trabalhou na mineradora. O seu processo judicial durou quase uma década, vindo a terminar em 1998. Porém, o filme compacta esse tempo em um curto período, retratando como se tudo tivesse acontecido no ano de 1989.

A personagem de Charlize Theron, Josey Aimes, passa por diversos constrangimentos em seu trabalho, que muitos consideram trabalho para homens. Mas a necessidade faz com que ela siga adiante. Ela é mãe de duas crianças, larga o marido e tenta sustentar sua família sozinha. Então, ela consegue um emprego na mina, onde o salário é muito bom, já que é um emprego para homens, ao contrário do salão de beleza, no qual ela ganhava mal e não conseguiria alugar ou comprar uma casa. Um fato interessante: o filme, em certo momento, parece que vai encaminhar para o lado romântico, em que Josey se apaixonaria por Bill, seu advogado, e se casaria com ele. Mas, ela não quer entrar em um relacionamento. Ela só quer um emprego, quer a independência financeira e vai à luta por isso.

O filme traz as diferentes posições que podem ser tomadas em um caso como esse. Como é o caso de Glory, que é vista de maneira “diferente”, porque ela é a primeira caminhoneira, uma posição respeitada. Ela também é a representante feminina no sindicato. Os homens a respeitam. Mas, quando ela fica doente e é afastada do trabalho, um dia aparece na reunião do sindicato bem debilitada e os outros integrantes pedem para que ela vá embora, pois já não é mais funcionária. Ela estava indo lá para pedir que intervissem no caso de Josey. Dessa forma, ela começa a ver que também acaba perdendo seu valor dentro da empresa. No final, deixa uma carta para o seu marido ler na audiência, apoiando Josey. O fato é que Glory não era respeitada por ser mulher. Era respeitada por ser mulher e agir como um homem. Além de tudo, ela era casada com um homem que tinha respeito na sociedade. Isso influenciaria o tratamento que receberia.

Josey sempre reclama, mas a única solução que dão a ela é que peça demissão se não está contente. Cansada, ela entra com uma ação judicial contra a empresa e, aos poucos, consegue apoio das demais colegas.

Fundamentados no enredo e na história em que o filme se baseia, lançamos a nossa inquietação diante dos discursos presentes: Quais os efeitos de sentido possíveis nos discursos das personagens do filme *North Country*, com relação ao trabalho das mulheres na mineradora, considerando a intrincação das formações discursivas nas formações ideológicas em que esses discursos se constituem?

Atentamo-nos a algumas regularidades nesse material, o que nos fez chegar a alguns gestos de interpretação pertinentes, os quais são importantes para entender essa relação língua-discurso-ideologia.

3. *North Country* – Análise das formações ideológicas

Considerando que o sentido é determinado pelas posições ideológicas no processo sócio-histórico em que as palavras são produzidas e que mudam de sentido de acordo com as posições daqueles que as empregam (ORLANDI, 2005), é importante compreender quais as condições em que os discursos se deram, já que os sentidos são determinados ideologicamente.

O filme *North Country* é carregado de possibilidades interpretativas, uma vez que por ser baseado em uma história real, podemos comparar tanto os dizeres quanto as cenas em si com as lutas reais pelas quais a sociedade passou e passa, principalmente as lutas feministas, mais especificamente a dificuldade de aceitação da mulher no mercado de trabalho. Nesse caso, a situação se agrava quando a mulher ingressa em um emprego “apenas de homens”.

É possível identificar um certo discurso de aceitação, por parte de Josey, na sequência discursiva (SD1) em que ela pergunta para Glory se ela é secretária na empresa, Glory responde que dirige um caminhão e Josey ri. Então, Glory diz que é a primeira mulher que faz isso e que agora tem sua “independência”. Essa aceitação, presente no riso irônico de Josey, seria provavelmente porque ela acha que mulher tem que ser secretária e não uma caminhoneira.



- A mina está contratando.
- Eu não poderia com isso.



- É secretária



- Conduzo um caminhão



- Você conduzindo um caminhão?
- A primeira mulher que faz isso.



- Agora sim tenho independência.
- É estranho.



- Estranho é não ir por esse dinheiro.

Sequência Discursiva 1 (SD1)

No contexto histórico em que se passa o filme, ano de 1989, as profissões comuns para mulheres eram cabeleireiras, secretárias, costureiras, como algumas outras, limitadas ao pouco esforço físico. Josey, inconscientemente, é interpelada pela ideologia que “produz o efeito da evidência, e da unidade, sustentando-se sobre o já-dito, os sentidos institucionalizados, admitidos como "naturais" (ORLANDI, 1994, p. 57).

Já para Glory, a palavra “independência” retorna o sentido de trabalhar e ganhar um bom salário, no sentido de que ela tem uma espécie de sorte, ou liberdade, sem se dar conta de que isso é um direito e já o era em 1989. Esse discurso marca o fato de que as mulheres ainda estão presas ao patriarcado e que o fato de não depender do marido financeiramente já seria desvincular-se dele. Trabalhar, para Glory, tem o sentido de liberdade. Josey diz que é estranho e Glory retruca que estranho é não ir por esse dinheiro. Seguindo o pensamento de Glory, sem que ela perceba, seus dizeres são atravessados por diversas formações discursivas.

Orlandi explica que

A forma-sujeito histórica que corresponde à da sociedade atual representa bem a contradição: é um sujeito ao mesmo tempo livre e submisso. Ele é capaz de uma liberdade sem limites e uma submissão sem falhas: pode tudo dizer, contanto que se submeta à língua para sabê-la. Essa é a base do que chamamos de assujeitamento (ORLANDI, 2005, p. 50).

Assim, o sujeito é constituído por dois conceitos fundamentais: o primeiro seria o esquecimento, ou seja, o que dá a ilusão da realidade do pensamento; e seu reconhecimento dentro de uma determinada Formação Discursiva, e isso se mostra no interdiscurso, dando o efeito de evidência, em que o sujeito tem a ilusão de ser a origem de seu dizer.

Glory exalta a independência, ao mesmo tempo em que é dependente do dinheiro que recebe na mineradora. Glory deixa de se posicionar como sujeito-mulher, se “desloca” do discurso da ideologia-feminista, e se posiciona como sujeito-trabalhadora, para o discurso da ideologia capitalista. Não que isso seja ruim ou bom, pois estar submissa ao sistema, nesse caso, é questão de sobrevivência para Glory, assim como para todos os trabalhadores, isto é, ela pensa em ganhar um bom salário para poder dar um maior conforto a sua família. Como afirma Althusser (1979), “na ideologia da liberdade a burguesia vive assim com muita exatidão a sua relação com as suas condições de existência: isto é, a sua relação real (o direito da economia capitalista liberal), mas investida em uma relação imaginária (todos os homens são livres, inclusive os trabalhadores livres)” (ALTHUSSER, 1979, p. 207-208).

Depois de um tempo de trabalho na mina, Josey já mudou o seu discurso quanto a questão do trabalho. Mas, se vê obrigada a enfrentar esse discurso pelo outro lado. Na seguinte cena (SD2), ela estava dormindo no sofá e vê que seu filho chegou tarde. Ela está com a família desestruturada. Esse também é um dos problemas que as mulheres enfrentam, sendo obrigadas a ouvir posicionamentos de quem é contra o seu trabalho fora de casa, afirmando que mulher que trabalha fora deixa a família “largada”, deixa o filho abandonado, etc.



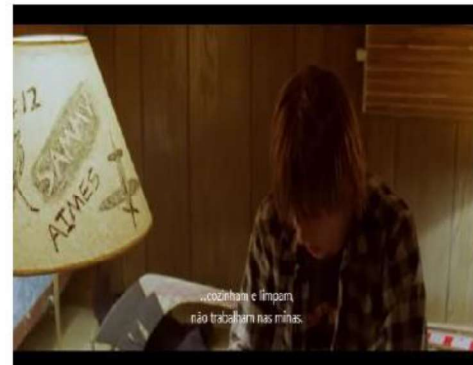
-Cheguei 20 minutos tarde.
- Sabe que ainda sou sua mamãe.



Sim, está bem.



Que acha que quer dizer isso?
- Nada, só que a maioria das mães...



... cozinham e limpam,
não trabalham nas minas



Lembra-se quando me disse que
queria ser um doutor quando crescesse?



Dizia-te que podia ser o que quisesse.
-Isso não é o mesmo para mim?



Não tenho o direito de ser o que quiser?
Não quando faz o trabalho de alguém!

Josey conversa com seu filho e ele retruca, afirmando que a maioria das mães cozinha e limpa, não trabalha em minas. Quando ele fala isso, Josey entra no quarto e pega as roupas dele que estão espalhadas pelo chão. Essa cena é muito significativa para a análise. Podemos observar no discurso de Sammy, enquanto sujeito-homem, o funcionamento do que Althusser chama de Aparelho Ideológico do Estado (ALTHUSSER, 1985), que se constitui de sistemas, instituições cuja função é perpetuar sua ideologia, colaborando para a interpelação dos sujeitos sem que eles percebam. As principais instituições são: família, igreja, escola.

O discurso de Sammy produz efeitos de estar assujeitado pela ideologia típica das formações ideológicas de família dita tradicional: apesar de não saber quem é seu pai, a mãe trabalhar fora e não estar mais casada, ou seja, não estar inserido em uma família tradicional, o sujeito se coloca em uma posição cujo discurso é atravessado pela formação discursiva da Ideologia dominante, em que a mulher/mãe deve ser aquela que fica em casa cuidando dos filhos, limpando, cozinhando, e que esse é o único trabalho que deve exercer. Enquanto posição sujeito-filho, isso justifica o fato de sua rebeldia, por beber, desrespeitá-la, chegar tarde... Então, ela não merece respeito, porque não é uma mãe igual as outras.

Josey pergunta se não tem o direito de ser o que quiser e Sammy diz que não quando pega o trabalho de alguém. Esse *alguém*, para Sammy, mostra o que ele pensa de sua mãe e o que ele pensa de quem trabalha na mina. *Alguém* que trabalha na mina seria um homem. Josey não é um homem, logo ela seria *ninguém* para Sammy. Olhando pelo viés universal, o discurso de Sammy representa o discurso de muitas pessoas ainda hoje, principalmente de homens, considerando que vivemos em uma sociedade que ainda tem a cultura da mulher como dona de casa, que não pode trabalhar fora, e isso retorna à memórias de certos dizeres que *as mulheres estão tomando o lugar dos homens, as mulheres vão dominar o mundo, as mulheres querem tomar conta de tudo*, etc.

Para Althusser (1985, p. 77), “a ideologia representa a relação imaginária dos indivíduos com suas relações reais de existência”, ou seja, a ideologia materializa-se no discurso do sujeito, representando assim as relações imaginárias que o indivíduo tem com a realidade, e isso significa que não é a própria realidade que está em jogo.

De acordo com Orlandi (2005), “o sujeito de linguagem é descentrado, pois é afetado pelo real da língua e também pelo real da história, não tendo o controle sobre o modo como elas o afetam” (ORLANDI, 2005, p. 20). A autora considera que o sujeito é histórico, porque não está alienado do mundo que o cerca; social, porque

não é o indivíduo, ele se constitui num espaço coletivo e; descentrado, o que quer dizer que é cindido pela ideologia e pelo inconsciente.

Ao afirmar que Josey está pegando o lugar de *alguém*, e que ela seria *ninguém* para ele, o discurso de Sammy possibilita o sentido da mulher como ser inferior. O homem é *alguém* que trabalha em uma empresa, ganha um salário e sustenta a casa; a mulher é *ninguém* menos que aquela que fica em casa cuidando dos filhos, limpando, cozinhando... Tratando assim, o trabalho da mulher em casa, também, como inferior. Dessa forma, quando *ninguém* pega o trabalho de *alguém*, é sinal que as coisas não estão seguindo sua ordem natural. Josey, por sua vez, se deslocou de sua ideologia anterior —SD1—, ao questionar Sammy se ela não pode *ser o que ela quiser*. Em uma posição sujeito-mãe ela autoriza o filho a ser o que quiser e o questiona se ela também não tem o mesmo direito. Essa é uma contradição do sujeito-mulher da SD1, em que ela achou estranho sua amiga ser caminhoneira e não secretária.

Partindo do discurso da personagem principal, observamos entre as duas sequências (SD 1 e SD2) um deslocamento de posições, em que o sujeito-mulher, atravessado por uma formação discursiva de que a mulher é inferior, adiante se marca por meio de um discurso de igualdade em que *a mulher também pode ser o que quiser*. Assim, os efeitos de sentido de seu discurso demarcam um “deslizamento” de formações ideológicas. Glory, ao mesmo tempo em que se mostra resistente ao patriarcado, declarando a independência por conta de ter um emprego, está assujeitada ao sistema capitalista, por uma exigência de sobrevivência, trabalhando em uma empresa tomada em sua maioria por homens. Os mesmos homens que a ignoraram depois que ficou doente. Sammy, enquanto sujeito-filho, sinaliza em seu discurso uma justificativa para sua rebeldia, pelo fato de sua mãe não estar em casa, já que a maioria das mães limpa e cozinha, não trabalha em minas (não-dito). Enquanto sujeito-homem, ao afirmar que ela pode ser o que quiser, contanto que não tire o emprego de *alguém*, a ideologia do homem como ser superior se materializa em seu discurso, trazendo o sentido de que sua mãe é *ninguém* perante a sociedade.

Considerações finais

Esse percurso possibilitou reiterar, por meio dos gestos de interpretação, o quanto algumas marcas linguísticas e/ou discursivas foram/são naturalizadas, com relação ao papel que a mulher exerce diante de algumas profissões. Tanto que as

próprias mulheres, enquanto sujeitos, muitas vezes se veem interpeladas por esses discursos ainda nos dias atuais.

Diante do questionamento inicial, sobre quais os efeitos de sentido possíveis nos discursos das personagens do filme *North Country*, com relação ao trabalho das mulheres na mineradora, considerando a intrincação das formações discursivas nas formações ideológicas em que esses discursos se constituem, conferimos o que Orlandi explica acerca do sentido, que não existe em si mesmo, sendo “determinado pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo histórico no qual as palavras são produzidas” (ORLANDI, 2005, p. 43). Nesse sentido, os discursos das personagens se põem em certo deslocamento, em outras palavras, mudam conforme as posições-sujeito em que se encontram, como no caso de Josey, que passa de sujeito-mulher submissa, com um discurso cristalizado, para sujeito-mulher trabalhadora e independente, que luta pelos seus direitos. Sammy se transforma em um adolescente rebelde após sua mãe começar a trabalhar na mina e, mesmo sabendo que é para o melhor de sua família, enquanto sujeito-filho, por vezes encontra-se no discurso característico de uma sociedade que inferioriza a mulher, trazendo isso como uma desculpa para sua desobediência.

O fato é que ainda nos dias atuais presenciamos a culpabilidade dos problemas familiares todos sobre a responsabilidade das mulheres. Se os filhos se desviam do caminho dito correto, de acordo com o conceito de família tradicional, elas acabam por receber a culpa por estarem fora de casa trabalhando. O mesmo não acontece com os homens, ficando ainda como principal provedor da casa.

Embora ainda ganhem menos que os homens, as mulheres têm o poder de conciliar várias atividades, o que pode ser considerado como dupla jornada, ou tripla, muitas vezes. Apesar de toda a evolução histórica pela qual passamos, com a conquista de direitos trabalhistas, direito ao voto, direito de uma formação acadêmica, por exemplo, ainda há muito que ser feito. Por isso, o registro de obras como essas são de extrema importância para que as mulheres nunca desistam de continuar lutando e para que sejam inspiração em busca da desconstrução do discurso de senso comum, que ainda é um desafio.

Referências

ALTHUSSER, Louis. **A Favor De Marx**. Rio De Janeiro: Zahar, 1979.

_____. **Aparelhos ideológicos de estado**: Nota sobre os aparelhos ideológicos de estado. 3 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

BRASIL. Decreto n. 21.417, de 17 de maio de 1932. Regula as condições do trabalho das mulheres nos estabelecimentos industriais e comerciais. Diário Oficial da União, Rio de Janeiro, 19 maio 1932. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-21417-17-maio-1932-559563-publicacaooriginal-81852-pe.html>>. Acesso em: 21 jan. 2017.

CALDEIRA, Cinderela M. F. Dia Internacional da Mulher. **Revista Espaço Aberto**, USP, 2001. Disponível em: <<http://www.usp.br/espacoaberto/arquivo/2001/espaco06mar/editorias/variedades.htm>> Acesso em: 21 jan. 2017.

LÚCIO, Clemente Ganz. Mulher, mercado de trabalho e desigualdade. Brasil Debate, 2014. Disponível em: <<http://brasildebate.com.br/mulher-mercado-de-trabalho-e-desigualdade/>> Acesso em: 21 jan. 2017

NORTH COUNTRY. Direção: Niki Caro. Produção: Nick Wechsler , Helen Buck Bartlett , Nana Greenwald , Doug Claybourne , Jeff Skoll. Estados Unidos, Warner Home Video, 2005, 1 DVD, 126 min.. son., color.

ORLANDI, Eni Puccinelli. A incompletude do sujeito: e quando o outro somos nós? In: ORLANDI, E. P. (org.) **Sujeito e texto**. São Paulo: EDUC, 1988.

_____. Discurso, imaginário social e conhecimento. **Revista Em Aberto**. Brasília. 1994. Disponível em: <<http://rbep.inep.gov.br/index.php/emaberto/article/viewFile/1943/1912>> Acesso em: 25 jan. 2017

_____. **Análise do Discurso**: princípios e procedimentos. Campinas, SP: Pontes, 2005.

_____. **Discurso e Texto**: formulação e circulação dos sentidos. São Paulo: Pontes, 2005.

PÊCHEUX, Michel. Delimitações inversões, deslocamentos. Trad. José H. Nunes. In: **Cadernos de Estudos linguísticos**, 19. IEL, Unicamp, 1990.

_____. **Semântica e discurso**. Uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução Eni Pulcinelli Orlandi [et al.] Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

_____; FUCHS, C. A propósito da Análise Automática do Discurso: atualização e perspectivas. Tradução de Péricles Cunha. In: GADET, F.; HAK, T. (Orgs.). **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. 3. ed. Campinas: Unicamp, 1997 [1975]. p. 163-252.

Artigo recebido em: 19/03/2018

Aprovação final: 11/09/2018